

No meio acadêmico, é comum discutirmos em sala de aula e em corredores, questões como ética, comprometimento e engajamento profissional com causas sociais, problemas, soluções... No entanto, a discussão, muitas vezes, não se desdobra em práticas efetivas. O ânimo e a vontade de atuar se diluem, seja por falta de comunicação entre os interessados, realizadores e curiosos; seja pela aparente ausência de projetos e lugares nos quais as pessoas possam se identificar e se encaixar; seja pela dispersão seja por falta de incentivo imediato.

Universidade em movimento – do campus para as telas de cinema

Ana Arruda Neiva*

Na Universidade Católica de Brasília, a Extensão é um dos espaços que vem abrigando inquietações e idéias de forma construtiva e constante. Atividades integram diversas áreas da Pesquisa e Graduação, implantando programas que vêm ampliando campos de atuação. Mas não se limitam aos muros do Campus...

O cinema, por exemplo, é uma mídia cada dia mais presente em rodas e conversas, principalmente entre pessoas da área de

Comunicação Social.

Após a recente retomada do cinema nacional, tendo o filme Carlota Joaquina – A Princesa do Brasil (CARLA CAMURATTI, 1995) como marco, nossos filmes vêm conquistando gradativamente espaço nas salas de cinema e na imprensa, despertando atenção e reativando a comunicação com os espectadores. Podemos destacar as leis de incentivo como um forte instrumento na alavancada da produção, tanto no aumento de realização de filmes como na profissionalização do setor. Porém um dos entraves maiores se refere ao contato com o público, além das problemáticas de distribuição e exibição.

Cabe então a busca por formas alternativas de democratizar tal expressão, como estudantes, professores e cidadãos críticos. Se a comunidade não pode ir ao cinema ... levemos então o cinema para as ruas. Não é a primeira vez que esse assunto é discutido. Não seria uma proposta nova. Muitos intelectuais encontraram neste discurso uma solução possível, ao longo de seminários, Festivais, Mostras, cineclubes. Porém, quando se coloca em prática, a realidade aquém dos livros e debates mostra como a vida é orgânica e dinâmica.

Aqui entra a força transformadora da Universi-



* Estudante de Comunicação Social da UCB, estagiária do CRTV/Cinedoc do Curso de Comunicação Social, ex-produtora local do Circuito Universitário e atual produtora do Circuito Comunitário do projeto Cinema BR em Movimento.



dade nas Artes, tendo um caso em especial: o projeto Cinema BR em Movimento na Universidade Católica de Brasília.

O projeto, idealizado pelo cineasta Alberto Graça e patrocinado pela Petrobrás, existe desde de maio de 2000 e vem proporcionando um encontro da população brasileira com o cinema nacional, por meio de exhibições gratuitas realizadas por agentes em seus diferentes municípios de origem. São dois os Circuitos: Universitário e Comunitário. O primeiro tem enfoque na mobilização de público formador de opinião, e suas sessões são complementadas com debates; e o segundo, atendendo à demanda das comunidades sem acesso aos bens culturais. Em quatro anos de atuação, o projeto abrangeu 369 Municípios e 216 Universidades, levando o cinema brasileiro para cerca de 760 mil pessoas.

O Cinema BR em Movimento lida exatamente com as grandes dificuldades e barreiras para a expansão do cinema brasileiro: exibição, distribuição dos filmes e formação de platéia – temas presentes em debates sobre audiovisual nas turmas de Comunicação Social.

No Distrito Federal, a parceria com a Universidade Católica começou em 2002 através do Centro de Rádio e TV, do Curso de Comunicação Social. O projeto vem promovendo sessões de filmes e debates em todo Distrito Federal. Além da UCB, fizeram parte do Circuito Universitário: UnB, UniCeub, UNIP, FTB,

ao premiado e polêmico filme, mobilizou pessoas de diversos cursos, lotando o chão do auditório do bloco K. A Universidade ainda teve a oportunidade de ter pré-estréias de filmes consagrados. Na sessão de Janela da alma, o renomado diretor de fotografia Walter Carvalho e o diretor João Jardim marcaram presença. O cineasta José Joffily veio exclusivamente para debater seu filme Dois perdidos numa noite suja, adaptação da obra de Plínio Marcos. O projeto também participou da Semana de Letras, unindo em debate o olhar do cinema com o diretor André Sturm e o olhar da literatura com o Moacyr Scliar na exibição do filme Sonhos tropicais. Professores dos cursos de Comunicação Social, Letras, Psicologia, Medicina – e cinéfilos em geral – contribuíram e sempre estiveram presentes nas mesas de debate, na divulgação e no incentivo ao projeto.

Vários núcleos de pesquisa e laboratórios experimentais do Curso de Comunicação Social se agregaram, colaborando de forma significativa em todo o processo de solidificação do projeto não só dentro da UCB como no Distrito Federal. Os estagiários do Centro de Rádio e Televisão e integrantes do Cinedoc (Núcleo de Pesquisa e Produção de Cinema e Documentário) estiveram presentes em praticamente todas as etapas. A Oficina de Produção de Notícias (OPN) auxiliou na divulgação, realizou matérias e entrevistas a partir das sessões. O Núcleo de Fotografia colaborou no registro das sessões.

Os professores ampliaram o espaço das sessões em atividades interdisciplinares.

Além do cinema em si, áreas da Comunicação foram se interligando ao longo da produção e execução do Cinema BR: produção cultural na organização de eventos; assessoria de imprensa no contato com a mídia para publicar a programação e convocar o público; realização de parcerias para viabilizar a estrutura de exibição e a vinda de representantes, marketing social na divulgação das instituições patrocinadoras; relações públicas no relacionamento entre todas as pessoas envolvidas no projeto; publicidade na estratégia de divulgação; fotografia no registro das sessões; jornalismo na elaboração de ofícios e releases ... a Comunicação melhor integrada e aplicada.

Já a parceria com o Circuito Comunitário começou em 2003. Samambaia, Ceilândia, Riacho Fundo II e Candangolândia foram algumas das cidades participantes. Filmes como Deus é brasileiro e Cidade de Deus foram exibidos em escolas e lugares públicos, como igrejas e praças.

Algumas pessoas comentaram que era a primeira vez que elas viam um filme numa tela maior que a de televisão. Outros se emocionaram quando viram sua terra-natal filmada depois de anos distante de lá, a

saudade vinha junto com as imagens e com a memória. Vizinhos se reencontravam e colocavam a prosa em dia à espera das luzes se apagarem. Famílias inteiras dividiam o saco de pipoca, gargalhadas e pausas em silêncio entre cenas. O evento tomava ar especial talvez por ser tão raro devido à ausência de espaços para tal tipo de atividade.

Cada exibição de filme tem sua unicidade, peculiaridade, seu público específico, seu perfil especial. Cada pessoa constrói seu ponto de vista a partir de sua trajetória, de sua percepção e de seu momento, cada comunidade tem sua própria história. O intercâmbio e a parceria entre projetos de extensão acrescentaram vida a todos que se dedicaram às sessões de filmes. Ideologias, intenções e projetos foram convergindo em prol da cultura e de seu povo, juntando forças. O teor empírico-experimental do projeto fez com que tanto alunos, funcionários como professores expandissem seus conhecimentos e experiências no convívio com as pessoas que acolheram bem as iniciativas da Católica em seu cotidiano.

Um dos exemplos bem sucedidos foi a articulação e parceria com o projeto Comunidade Educativa, que realiza oficinas de alfabetização para adultos, produção de vídeos educativos - entre outras atividades - na

comunidade do Riacho Fundo II. O projeto foi idealizado pela Universidade Católica e é feito em parceria com a população há alguns anos. O Cinema BR se encaixou no perfil do programa, realizou sessões e atividades junto à comunidade. Moradores incorporaram o projeto e o espírito coletivo de mobilizar as pessoas para arrumação do local de exibição e divulgação do evento. Jovens ligados à Comunidade Educativa inclusive se uniram, idealizaram e efetivaram o Cineclube Riacho Fundo II em 2003, hoje, em funcionamento.

O cinema aos poucos vai se incorporando aos hábitos da comu-



Núcleo de Fotografia da UCB: André Curvalho

nidade – incluindo a acadêmica - e na formação da cultura local. São fatores incentivadores para continuar o rito do cinema, montando telas, carregando caixas de som, distribuindo folhetos, estabelecendo parcerias. Nessas horas, fica nítida a importância do apoio de quem junto acredita na educação constante, no intercâmbio de informação e vivência. A persistência é necessária, pois o processo é gradual. E vale a pena.

O crescimento do cinema nacional atualmente depende desse tipo de investimento na comunicação com seu público. A maior presença brasileira no cinema e televisão é uma batalha árdua. A interação deve ser aperfeiçoada e mantida por meio de campanhas e estratégias de lançamento. A comunicação deve ser social, assim como o cinema e a cultura devem ser democratizados. O cinema contribui para maior identidade local e nacional e sensibilização das pessoas para questões presentes da nossa história e do nosso cotidiano. O cinema tem seu poder criador e provocador, seu potencial transformador. Um instante em que direcionamos um pouco de nosso tempo à tela, paramos e nos damos o direito de expandir nosso olhar além do despercebido e corriqueiro. Nossos próprios questionamentos, discordâncias estão presentes nas histórias, nos personagens. Nossa realidade está lá representada em diversos ângulos. Assim podemos enxergar a vida de outra forma. E a Universidade tem sua função reservada nessa história.

O Cinema BR em Movimento mostra como a Universidade pode compartilhar e “extender” o conhecimento de forma democrática, interpretando a realidade e dialogando com a Comunidade. O cinema pode ser um veículo dinamizador do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. A Universidade vai além do Campus, seu lugar também é nas ruas, nas telas de cinema.

Fontes e dados: www.cinemabremovimento.com.br



Núcleo de Fotografia da UCB, André Carvalho